

UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO E AS TÉCNICAS – A EXCLUSÃO SOCIAL CAUSADA PELAS “MÁQUINAS-INFORMACIONAIS”

Mara Cristina Vieira de Moraes¹

O espaço geográfico possui uma crescente abrangência tecnológica, dinâmica em sua constituição espacial. As conseqüências das novas formas técnicas, atingem de forma ampliada a vida de todos os homens, pois de um lado favorece a integração econômica, e de outro afasta grande parte de indivíduos que não usufruem as transformações, mas que sofrem as conseqüências.

Nosso trabalho será constituído de duas partes. Na primeira, objetiva-se expor o que vem a ser a concepção de espaço para geografia, inserindo neste espaço uma análise da abrangência tecnológica, registrando sua evolução e caracterizações, com o intuito de suscitar um pensamento sobre o que é a exclusão sócio-espacial, privilegiando-se as “máquinas-informacionais”.

Na segunda parte, tem como premissa fazer um breve histórico sobre Pires do Rio, que constitui uma cidade do interior de Goiás. Destacando em seu desenvolvimento a propagação das redes bancárias atualmente sediadas nesta cidade. Conseqüentemente elaborando uma definição e relação entre os caixas eletrônicos, instalados nestas agências, e as máquinas-informacionais. De modo que os caixas eletrônicos foram selecionados dentre as inúmeras máquinas-informacionais como objeto causador da exclusão sócio-espacial em Pires do Rio.

1 ESPAÇO GEOGRÁFICO E AS TÉCNICAS – BASES PARA A FORMAÇÃO DA EXCLUSÃO SÓCIO-ESPACIAL

O desenvolvimento socioeconômico observado sobre o espaço geográfico, proporcionado pela evolução dos sistemas técnicos, tem provocado uma exclusão sócio-espacial. Esta exclusão toma formas conflitantes e complexas nessa nova etapa dos sistemas técnicos denominada “técnico-científico-informacional”, sendo fomentada e ampliada principalmente pelas máquinas-informacionais. Estas representam a nova forma técnica, que se instalam sobre o espaço geográfico, solicitando uma interação homem-técnica que nem sempre se estabelece, assim destaca-se a explicação destes três seguimentos, espaço/homem/técnica e de suas relações.

1.1 O espaço enquanto conceito geográfico

¹ moraesaram@bol.com.br - UEG

Toda ciência possui o seu objeto a ser estudado, tema de origem para a elaboração de definições e conceitos, nutrindo as pesquisas à cerca da própria ciência. A Geografia, como ciência possui seu objeto de análise, o qual caracteriza-se por uma complexidade de definição. Como as demais ciências, ela não nasceu pronta e nem estática, passou por vários períodos, conseqüentemente seu objeto atravessou várias conceituações diferentes, ambas apoiadas em métodos de pesquisas diferenciados. A geografia tem por objetivo estudar a interação entre o homem e seu meio, buscando compreender como se estabelece às diferenças, entre as sociedades, e entre estas e o meio natural que se instalam, caracterizando o espaço geográfico.

Cada período do desenvolvimento humano, o homem demonstrou uma forma de moldar e ser moldado pelas relações estabelecidas, assim, desta maneira a geografia possui diferentes categorias e conceitos para constituir suas análises. Em relação a esse caráter da geografia CORRÊA (2003:16) afirma que:

Como ciência social a geografia tem como objetivo de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Mas então qual seria o objeto de estudo da Geografia? Seu campo de análise, que delinea investigação? Para SILVA (1991:11) *“não há ciência sem objeto, e o espaço social é o objeto da geografia; objeto entendido enquanto movimento, processo”*, sendo o espaço a categoria geográfica selecionada nesta análise.

Todavia a palavra espaço trás consigo vários usos e conceituações, pois se fala em espaço econômico, espaço sideral, espaço astronômico, espaço urbano, espaço rural, espaço...entre inúmeros outros. Deste então se pode notar a complexidade que se estabelece na tentativa da conceituação do que seria este espaço para a Geografia, como afirma SILVA (1991:10):

A discussão sobre o espaço geográfico é muito antiga. Tomou vários rumos, de acordo com pensamentos que nortearam aqueles que faziam a geografia em cada época. Sempre que se falava em geografia, estava-se, ao mesmo tempo, procurando o espaço geográfico, mesmo quando ele não era concebido como seu objeto central.

Em cada fase do pensamento Geográfico depara-se com conceituações distintas do espaço geográfico. O problema maior em conceituar o espaço, se encontra estreitamente

nesse resgate histórico, pois há uma vasta literatura sobre este espaço. De modo que sua compreensão não é restrita a suporte de ações, mas em condição para estas ações como afirma MARTINS (2001:25):

O espaço não é mero receptáculo das coisas produzidas pelas atividades humanas. Como meio e objeto de trabalho [e da Geografia] universal que é, constitui-se como necessidade e condição prévia de toda atividade prática, econômica, logo, da manifestação da própria vida.

Como condição prévia para estabelecimento das apreciações humanas e geográficas, o espaço foi compreendido e conceituado ambigualmente em cada Corrente do Pensamento Geográfico de acordo com os métodos utilizados. Não se propõe um apanhado geral do seu conceito, por ser este complexo ou mesmo impossível, assim destacam-se apenas alguns teóricos que buscaram conceituar o espaço.

No período denominado de Geografia Tradicional, destaca-se dentre outros, Ratzel, o qual traduziu que o espaço se amplia paralelamente ao desenvolvimento técnico do homem, em busca de extensões espaciais, justificados pelas necessidades humanas em alargar suas fronteiras. Por seqüência, cada fenômeno natural e humano, estaria inter-relacionado ampliando a sociedade sobre este espaço.

Na década de 50, a ciência geográfica estender-se por uma conflagração teórico-quantitativa, sofrendo influências das ciências exatas, utilizando-se destes métodos de análises. A tentativa de adaptação desses métodos, reproduz no conceito de espaço uma reformulação, atribuindo-lhe como característica analítica uma quantificação. CORRÊA (2003:22-23) sintetiza essa reformulação da seguinte forma:

Trata-se de uma visão limitada de espaço. Pois, de um lado, privilegia-se em excesso a distância, vista como variável independente. Nesta concepção, de outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário.

Analisado desta forma, nota-se uma disparidade entre essas duas conceituações de espaço, mas ambas se fundamentando apenas em propor dados estatísticos independentes de interpretações, tendo como suporte teórico o positivismo lógico. As relações estabelecidas sobre o espaço são analisadas independentemente como se uma não interferisse nas demais, pois a utilização desses dados pressupõe a construção de generalizações e homogeneidades.

A partir da década de 70, surgiu uma nova Corrente denominada como Geografia Crítica, disposta a criticar os fatos e não apenas a descrevê-los. Aumentam as tentativas de conceituação do espaço, com atitudes de repudiar essas outras duas Correntes do Pensamento Geográfico. Assim, o espaço já não é visto como um receptáculo, nem analisado como superfície estática e acabada, segundo SILVA (1991:17):

O espaço da geografia não é espaço vindo do vazio, que existe por existir, que, naturalmente, é um fato e, assim, deve ser apreendido. Ao contrário, é um espaço que, de acordo com a história que o homem produz, é também produzido, obedecendo às leis do desenvolvimento da sociedade a partir de sua categoria maior – os modos de produção.

O espaço aparece como peça fundamental nas análises geográficas. Esse despertar do espaço e das categorias para sua análise produz à Geografia Crítica inúmeras obras analisado sobre vários parâmetros, não podendo ser explicado baseado num ou outro aspecto, mas pela plena interação de todos os fatores num espaço em evolução juntamente com a sociedade.

As conceituações do espaço são formuladas através das contradições nas relações que se objetivava fazer entre este e a perpetuação das formas de produção característica da sociedade neste período, e ainda hoje analisada. Assim o conceito do espaço relaciona-se a continuidade das relações sociais e de produção configuradas sobre ele, como aponta SILVA (2001:42):

O espaço geográfico, produto, processo e manifestação da sociedade, expressa todas as contradições geradas e contidas nas relações sociais de produção. Esta contradição não é exterior às relações de produção incorporadas no espaço enquanto totalidade, ainda menos à sua reprodução visto que os centro de decisão têm por finalidade expressa, mantê-la.

Essas novas concepções que unem os aspectos físicos e humanos do espaço, apresentam como semelhança à visão de um espaço em processo, que não se deixa apenas moldar pelo homem, no entanto também delinea condições de ser e estar nas relações das sociedades.

Nesse momento atribui ao espaço uma nova identidade, privilegiando as interações entre homem e espaço numa propagação de ações sócio-espaciais. Constitui então, espaço e sociedade, um só organismo, sendo um suporte para o outro, em consecutiva relação sociedade-espaço, não estando nenhum isolado em sua evolução. A

elaboração conceitual sobre o homem deveria pressupor sua relação com o espaço ao mesmo tempo em que a estrutura do espaço baseia-se em ser moldado pelo homem.

Dialeticamente não produziram verdades absolutas, nem acabadas, de modo que a idéia de espaço em processo representa sua gradativa evolução. Ora, não há como ter evolução em algo tido como definido, portando ao se analisar o espaço geográfico como objeto da Geografia estaria partindo do real, mas não do acabado, como afirma DULLFUS (1982:12):

Ao analisarmos o espaço geográfico, partimos do visível, do que se patenteia, para avaliarmos a importância dos legados e a rapidez das evoluções, assim como para decifrarmos os sistemas que constituem as estruturas atuantes sobre o espaço.

Ao mesmo tempo em que surge esta concepção referente ao espaço, abrolha também na mesma década de 70 uma outra Corrente do Pensamento Geográfico, mas com diferenças a essa Geografia Crítica. Censurando a racionalidade que se estabelece nos métodos de análises do objeto da geografia, esta nova Corrente, denominada Geografia Humanística, vem resgatar antigos conceitos e estabelecer uma diversidade de acepções e autores que nutrem as novas produções.

A definição de espaço, vai além de simples relações sociais, ampliando sua análise para os aspectos individuais constituídos sobre este espaço. De acordo com GOMES (2003:317) *“O espaço vivido torna-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas”*. Esse “espaço vivido”, seria o sustentáculo das relações entre os homens, mas privilegiando as relações do subjetivo, resgatando a cultura.

Essa nova Corrente é fundada na fenomenologia e no existencialismo, que coloca em pauta uma nova visão de análise para o espaço. Os critérios configuram-se com base no sentimento cultural, experiência estabelecida pelo homem sobre o espaço. O lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire para muitos autores, o significado de espaço vivido (CORRÊA, 2003).

Essas Correntes propõe diferentes definições e pontos de análise para o espaço, nenhuma pode ser adotada como única, mas privilegiar a que melhor se adapta a apreciação que será realizada.

Pode-se observar que a definição de espaço nunca foi algo simples, e atualmente este espaço toma formas diferenciadas, tornando-se mais complexo aderindo novas engrenagens que têm a capacidade de configurar sua essência. Mas, não se objetiva propor mais uma definição, e sim analisar a relação homem e espaço geográfico, em sua progressiva interação, tornam-se cada vez mais complexa de compreensão, devido às intensas transformações sócio-espaciais como ressalta SANTOS (2002:203):

No momento atual aumenta em cada lugar o número e a freqüência dos eventos. O espaço se torna mais incorporado, mais denso, mais complexo. Mas essa nova acumulação de presenças, essa opulência de ações não se precipita de forma cega sobre qualquer ponto da Terra.

As ações do homem vão alterando o espaço, transformando-o em um espaço materializado e artificial, cujas novas formas são definidas pelas técnicas. Essas técnicas produzem as diferenciações espaciais e humanas, e sua inclusão sobre o espaço acarreta mudanças e reformulações “sócio-espacial”.

As configurações espaciais mostram-se seletivas e carregadas de artefatos técnicos, (re)produzindo relações dinâmicas na sociedade, tornando-se intrincadas aos processos evolutivos das técnicas, proporcionadas como meio de adequar o espaço às necessidades humanas.

1.2 A evolução técnica na formação do espaço geográfico

As mudanças que o homem foi provocando no espaço, sejam em caráter físico ou social, tem um eixo central à técnica por ele usada para facilitar sua apropriação, assim as próprias técnicas, mas não isoladamente, contém componente explicativo para entender a vida do homem sobre o espaço geográfico, atribuindo as relações sociais características distintas segundo sua evolução. Pois como afirma SANTOS (2002:171), “*as características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas*”.

O arranjo evolutivo constituído entre estes três agentes: homem, técnica e espaço; possui múltiplos períodos. Pode-se estabelecer o seguinte paralelo, ou seja, o homem se apropria do espaço mantendo relações entre si e com o próprio meio, e isto se faz por intermédio das técnicas, assim seja qual for a porção do espaço que o homem esteja, mesmo que não fisicamente, há uma técnica ou um conjunto desta, como afirma SANTOS (1998:61-62):

Em qualquer que seja a fração do espaço, cada variável revela uma técnica ou um conjunto de técnicas particulares (...) mas o

tempo do lugar, o conjunto de temporalidades próprias a cada ponto do espaço, não é dado por uma técnica, tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço.

Torna-se intensa a importância da análise do processo evolutivo das técnicas, de modo serem estas dinâmicas como o homem e para o homem, produzindo e diferenciando espaços, distinguindo relações e caracterizando condições de dominação entre os diversos agentes que constituem os distintos momentos históricos, sendo que *“as técnicas são oferecidas como sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso”* SANTOS (2000:23).

Da mesma forma que os historiadores e antropólogos, subdividiram a evolução do homem, pode-se realizar tal ação de subdividir a evolução técnica. SANTOS (2002:234) propõe essa subdivisão, a qual será o respaldo dessa pesquisa, em três etapas: *“o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional”*.

Cada uma dessas etapas é diferenciada pelo grau de materialidade do espaço, resultante do processo técnico. Essa materialidade é formada de acordo com SILVA (2000: 301) *“... pelo sistema de objetos, redes, fluxos e fixos que se corporifica no espaço geográfico por meio das técnicas”*.

Quando se trata do meio natural essa materialidade propriamente dita não existia, sendo limitada pelo espaço, e o homem vivia apenas usufruindo as dádivas da natureza sem provocar grandes alterações sobre ela. Não se pode no entanto, afirmar que ele já não exista atualmente, pois ainda encontram-se sociedades que utilizam meios primitivos para sua manutenção sobre o espaço.

Seguido à evolução do meio natural para o meio técnico, as transformações e materialidades aumentaram progressivamente. O homem começa a inscrever sobre o espaço artificializações que vão superando as áreas naturais em determinados pontos. As sociedades prontamente delimitadas e em expansão, lugares que os objetos técnicos se instalavam já de forma diferenciada, transformam-se gradativamente destacando deste então a seletividade espacial proporcionada pelas técnicas.

À medida que se procede a evolução técnica, novos sistemas técnicos vão surgindo e substituindo os antigos, ou convivendo com eles, capazes de promover uma contínua modificação na relação dos homens entre si e com o espaço. Acorrenta-se a essa sucessiva reestruturação do espaço, as grandes alterações das atividades desenvolvidas causadas pela artificialização constante e ao mesmo tempo, propondo uma solicitação cada vez maior de técnicas. A essa nova complexidade, SILVA (2000:302), sugere que *“o século*

XX se constitui de um novo momento histórico de consolidação do capitalismo. A relação espaço, técnica e qualificação do trabalho torna-se totalidade analítica complexa, semelhante a um labirinto”.

O sistema capitalismo, vive das desigualdades entre as relações sociais e espaciais que, interligadas entre si através da produção alteram o espaço. Por conseguinte, a própria evolução técnica constitui como um dado deste processo de renovação capitalista e da ampliação das desigualdades, seja no seu conjunto orgânico ou físico, como afirma BERNARDES (2000:277):

O sistema capitalista está centrado no processo de geração de inovações, ainda que descontínuo, com vista à valorização do capital e sua reprodução ampliada, e é no seu âmbito que se dá o processo de unificação das técnicas, utilizadas intensivamente no processo produtivo.

Assim, as técnicas vão evoluindo e si unindo, formando um conjunto dinâmico que mesmo integrando técnicas de idades diferentes não perdem seu caráter produtivo e reprodutivo de relações sociais e espaciais, de modo a intensificar a materialidade das relações sócio-espaciais.

Ao se unirem e aumentarem sua complexidade funcional ao lado da sua importância sobre o espaço, dá-se uma nova etapa da evolução técnica cujas ações estabelecidas transformam todo o pensar e agir social, capazes de definir categoricamente estas ações. Essa nova etapa é denominada meio técnico-científico-informacional, proposta por SANTOS (2002 :177) como:

Hoje, o processo criativo de novos objetos, novas engrenagens, novos materiais, novas apropriações das virtualidades da natureza é poderosamente multiplicado, graças, também, às associações cada vez mais íntimas entre ciência e técnica.

As transformações sociais, culturais e econômicas promovidas por essa nova etapa técnica são a cada dia mais marcante e acelerada, pois esse sistema obedece à lógica do capital e do lucro, promovendo mecanismos de interação entre os espaços para a implantação da Terceira Revolução Industrial, a globalização. Sendo esta integração uma característica na fixação deste meio técnico-científico-informacional, como afirma GOMES (2003:183):

Quando a cada aceleração do tempo, mais circula o capital ou as distâncias físicas tornam-se mais superáveis, quando os

lugares mais longínquos já não desconhecem um qualquer sinal da mundialização, eis o que pode parecer suficiente para argumentar a realidade do meio técnico-científico e o campo dimensionado à revolução informacional.

Ocorre toda uma reformulação na sociedade capitalista, engendrando uma nova maneira de consumo que deixa de ser apenas material, mas passa a se tornar também imaterial, ou seja, o fluxo constante de informações transitando pelo espaço. Para BERNARDES (2000:282) *“um dos impactos causados por essa revolução técnica atual é expressa no uso cada vez mais intenso da informática, dos recursos mecânicos, das telecomunicações, da biotecnologia”*.

Em relação a este consumo material e imaterial, bem como da utilização dos novos meios da informática, SILVA (2000:303) sugere que *“... a produção, circulação e consumo de mercadorias é acompanhada pela ágil circulação de informações e idéias que se orientam cada vez mais pelo saber advindo da ciência e da tecnologia”*.

As invasões dos novos processos técnicos atingem regiões distantes unindo-as pelas informações, provocam uma nova visão do tempo o qual passa a ser controlado por esses processos. Mas, a expansão dessa técnica não é homogênea, *“na realidade, cada sociedade é caracterizada pela convivência de diversos modos de existência técnica, que coexistem e se afrontam, cada qual com suas próprias armas (...)”*, como afirma SANTOS (2002:180).

A técnica é seletiva em sua apropriação do espaço e na sua utilização pela sociedade, demonstrando sua característica de hegemonia a favor de classes dominantes, pois deixam para traz uma enorme quantidade de indivíduos que não se apropriaram dessas transformações, mas por outro lado sofrem as conseqüências dessa reestruturação espacial, econômica, social e cultural.

A dinâmica do meio técnico-científico-informacional proporciona mais exclusão que integração, quando analisado sobre o âmbito das diferenças atuais. Ainda de acordo com SANTOS (2002:181) tem-se que:

Em sua versão contemporânea, a tecnologia se pôs a serviço de uma produção à escala planetária, onde nem os limites dos Estados, nem a dos recursos, nem os dos direitos humanos são levados em conta. Nada é levado em conta, exceto a busca desenfreada do lucro, onde quer que se encontrem os elementos capazes de permiti-lo.

As técnicas contribuem amplamente no processo de reprodução do caráter de dominação estabelecida nas diferenças sociais, expondo homens à marginalização social. Entretanto a ideologia de um desenvolvimento tecnológico obscurece toda a compreensão do caminho tortuoso estabelecido pelo capital na apropriação de tecnologias de informação, subentendido na busca dos processos de facilidade e rapidez que, seletivamente escolhe os marginalizados. Sobre esse caráter negativo das técnicas DUPAS (2001:69) sugere:

Tudo se passa como se a técnica, por seu próprio movimento, se tornasse uma potência longínqua que designa os sacrificados nas sociedades da pós-modernidade. A técnica em expansão, embora abra novos domínios ao poder criador e a atividade dos homens, está a serviço do capital e de sua acumulação. (...). a technicalização intensiva, até o momento, aumentou as brechas no âmago do corpo social.

Os sacrificados por essa tecnologia passam por um processo de exclusão sócio-espacial técnica, sendo importante para a compreensão dos conflitos sociais a análise desta exclusão. Pois a sociedade não está tendo pleno conhecimento de suas ações perante as transformações, de forma que almejam a modernidade, mas si sucumbe nas desigualdades crescentes.

1.3 Exclusão sócio-espacial: uma variável do meio técnico-científico informacional

O espaço geográfico não foi sendo apropriado pelo homem de maneira uniforme, portanto, têm-se graus de desenvolvimento social e espacial diferenciados das sociedades, sendo cada uma marcada por processos peculiares na sua formação e classes. Essa fragmentação torna-se cada dia maior, de acordo com a ampliação dos sistemas técnicos sobre o espaço, promovendo uma sociedade dividida em seu caráter relacional, pois *“o mundo que se está instalando não se preocupa com a difusão do bem-estar da sociedade como um todo, prefere antes concentra-la em certas partes da sociedade e convidar as demais a aceitar o peso da propaganda”* SANTOS (2000:17).

Parte da sociedade acaba “aceitando” as transformações e ficando sempre aquém das dinâmicas sociais, considerados excluídos. Permanecem as margens das “vantagens” do mundo globalizado, englobando a maior fração da sociedade, tendo entre si, características semelhantes, os elementos da exclusão social.

A exclusão social é um conceito a pouco estudado em âmbito acadêmico geográfico, mas de grande repercussão entre as várias parcelas sociais. Termo que mesmo

sem compreensão ao profundo do seu significado, seja ele social, cultural e individual, é de grande disseminação em debates teóricos, políticos e até mesmo entre amigos e familiares.

Em um dos debates que busca teorizar e conceituar a exclusão social pode-se destacar a seguinte observação relacionada a este esforço e ao seu uso, elaborada por GUIMARÃES (2002:1):

(...) esse debate acerca das concepções sobre a exclusão social é relevante, especialmente quando levado em conta que políticas públicas vêm sendo formuladas a partir do que se entende por esse termo. Além disso, uma série de mobilizações políticas e sociais estão em curso ao redor do que o termo exclusão evoca.

Não se objetiva assim, nesta discussão acerca da exclusão social, formular um conceito sobre o tema que possui uma ambigüidade, mas resgatar algumas sugestões de conceitualização que irão respaldar o verdadeiro objetivo que é avaliar a apropriação espacial da tecnologia bancária em Pires do Rio (GO).

À medida que se artificializa o espaço menos indivíduos têm acesso e compreensão destes meios artificiais, dá-se o que propõe ser a exclusão sócio-espacial técnica, ou seja, a técnica produzida e inserida no espaço para que seja tomada como “objeto de ação” por determinada sociedade, pode em uma ampla escala ser a causa da exclusão sócio-espacial devido à complexidade do seu uso e da importância a ela atribuída nas relações sociais.

A dinâmica desta exclusão se estabelece por não ser todos os homens que têm condições culturais, econômicas ou sociais de utilizar as inúmeras técnicas que deveriam estar a serviço de todos, entretanto, há indivíduos que se situam à parte, contudo essa técnica continua a ampliar sua inserção social mesmo que não atinja toda a sociedade.

Para o entendimento da exclusão social, deve-se levar em consideração as variáveis sociais que agem para a formação dessa exclusão, atribuindo-lhes um valor de interação, como afirma SINGER (1999:61) “a exclusão social pode ser vista como a soma de várias exclusões, habitualmente muito relacionadas”, que se constituem no espaço geográfico e, conseqüentemente a exclusão sócio-espacial

Ora, se a produção de um espaço cada vez mais artificial é uma conseqüência direta da urbanização, não estão levando-se em conta a grande parcela que ainda não esta inserida nesse processo de urbanização, bem como a utilização das novas tecnologias por esta produzida, sendo estes deixados à margem desse processo que mostra não ter limites

para inovações e nem escrúpulos para ampliar a massa de excluídos, inseridos nas relações sócias de maneira desigual.

Quando se sugere demonstrar a massa excluída do acesso às novas tecnologias que se ampliam como uma configuração vasta no espaço, porém contraditória por ser restrita para alguns, torna-se necessário ter sempre uma flexibilidade. Não se pode assim, apreender um conceito pronto e estático sobre a exclusão sócio-espacial, pois a própria palavra social sugere dinamismo, deste modo a exclusão está sujeita a novas faces produzidas pela técnica espacial.

A preocupação em explicar a exclusão sócio-espacial causada por técnicas inseridas no espaço em processo de urbanização, é proporcionalmente intrincado, de modo que nesse período as técnicas tornaram-se objetos formulados com uma função e utilização precisa, e dele deriva a maior parte do controle das ações, como afirma SANTOS (2002:217):

Em nenhuma outra fase da história do mundo, os objetos foram criados, como hoje, para exercer uma precisa função predeterminada, um objeto claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento de sua eficácia.

Objetiva-se assim, fornecer fundamentos que poderão comprovar esta exclusão, bem como os fatores que podem estar fomentando-a, levando-se em consideração às características particulares do objeto de estudo em um dado momento histórico e espacial, que deverá sempre ser respeitado, pois a própria técnica em si, fragmenta o espaço e estabelece uma diferenciação em relação aos demais.

Ao dizer que se objetiva estudar a exclusão sócio-espacial originada pela técnica, deve-se estabelecer uma importante diferenciação que mesmo simples é essencial para não haver ambigüidade. De maneira a distinguir a máquina (técnica) que substitui o trabalho do homem, das que interagem com ele. A primeira é denominada máquina-ferramenta e surgiu com a Revolução Industrial para suprir o homem nas indústrias (LOJKNE, 1999).

Entretanto, ao destacar a etapa técnico-científico-informacional não se pode restringir em analisar as técnicas apenas como substitutas do homem, mas em suas múltiplas funções, como destaca SINGER (1999:17):

Além da substituição do trabalho humano pelo computador, parece provável a crescente transferência de uma série de operações das mãos dos funcionários que atendem o público

para o próprio usuário. É a difusão do auto-serviço facilitado pelo emprego universal do microcomputador.

Assim, as técnicas adquirem uma interatividade com o homem, que é considerada como causadora da exclusão sócio-espacial, estas são as máquinas-informacionais, definidas por LOJKNE (1999:72) como:

Máquinas-informacionais não são máquinas cuja eficiência primária reside na substituição do homem pela máquina (...), mas, paradoxalmente, máquinas que pressupõem, para serem eficazmente utilizadas, uma interatividade homem-máquina, com um papel de destaque para o interventor homem.

Dinamicamente, as técnicas evoluíram e passaram a não precisamente substituir o homem, mas interagir (na verdade é o homem que tem que se adaptar a ela) com o homem, estabelecendo regras e solicitando comandos para serem eficazmente utilizadas. Conseqüentemente o saber servir-se destas tecnologias torna-se primordial para a efetivação de suas funções, o qual o conhecimento sobre como agir nessa interação homem/técnica constitui-se dinâmico conjuntamente com ela.

A questão maior está nesta interação, sendo neste ponto o lugar de origem que se propõe aprofundar as análises. Ora, para utilizar uma máquina-informacional é necessário que os indivíduos saibam como interagir, e nem todos compreendem o processo pelo qual deve-se concretizar essa relação homem/técnica. Assim, o saber estaria mais condicionado aos sistemas técnicos que ao próprio homem, como afirma SILVA (2000:301):

O saber, por ser um instrumento mediador entre o objeto e o manipulador desse objeto, tem assumido papel fundamental na realização do processo produtivo e de acumulação de riquezas, sobretudo porque este saber tem se incorporado de princípios tecnocientíficos.

Embasando-se nesta questão, do saber usufruir as técnicas, propôs-se questionar para delimitar o objeto desta pesquisa, ou seja: quando o homem não adquiriu este saber, e não compreende como ele deve interagir com estas técnicas? A máquina espera sua compreensão para depois continuar a evoluir, ao vão deixando para trás indivíduos que não se sentem aptos para esta interação? As respostas a essas duas questões podem ser em um primeiro instante fácil, mas ao analisar cuidadosamente a expansão técnica no espaço será observado que ela atinge uma complexidade histórica.

Complexidade histórica, pois a exclusão sócio-espacial analisada por essa característica não é algo iniciado recentemente, mas foi ampliando gradativamente juntamente com a evolução técnica. Assim, a pesquisa buscará levantar questões que fundamente está exclusão sócio-espacial causada pelas máquinas-informacionais. Selecionou-se uma das inúmeras técnicas informacionais espalhas no espaço: os caixas eletrônicos das quatro agências bancárias que estão instalados em Pires do Rio (GO).

2 FORMAÇÃO DA CIDADE DE PIRES DO RIO E SEU SISTEMA BANCÁRIO, EM DESTAQUE: AS MÁQUINAS-INFORMACIONAIS

As cidades nascem como consequência das relações humanas com o espaço, dirigidas pelos meios de produção, o qual define o seu crescimento. As cidades interioranas predominantemente são subdivididas em espaço urbano e espaço rural, sendo que é neste primeiro que vão se destacar as atividades econômicas mais desenvolvidas, mediadas por redes de transporte, comunicação, financeiras, entre outras, as quais apropria-se de tecnologias de informação para tornarem mais lucrativos suas transações e espacialização.

2.1 Breve histórico de Pires do Rio (GO)

O Estado de Goiás teve em seu processo de ocupação um desenvolvimento socioeconômico repousado sobre dificuldades oriundas de sua posição geográfica e seus aspectos sociais. Este primeiro reside no fato de ter uma localização interiorana, não estando em contato direto com os mares e portos instituídos como base para a comercialização e socialização, com os demais países que já de datas longínquas utilizavam à navegação para estabelecer acordos e explorações.

Em relação ao segundo aspecto, ou seja o social, depara-se com uma sociedade organizada em grandes latifúndios para a atividade da pecuária, como base da economia em Goiás, após a febre do ouro. De modo que vai ser através do projeto de integração do Brasil por meio das ferrovias, que o povoamento de Goiás vai repousar, por ser nas margens da Estrada de Ferro e suas estações que vão surgindo povoados, ou mesmo desenvolvendo os já existentes através da intensificação do processo de povoamento.

A cidade de Pires do Rio é fruto desta integração de Goiás por meio da moderna linha férrea. Assim, em 09 de novembro de 1922 é inaugurada a estação ferroviária Pires do Rio, pelo engenheiro Balduino Ernesto de Almeida diretor da Estrada de Ferro em Goiás, marcando a fundação do povoado que rapidamente se tornou uma cidade. O nome desta estação, foi dado em homenagem ao então Ministro da Viação e Obras Públicas Dr. José Pires do Rio, que passou a ser juntamente o nome do povoado.

O povoado de Pires do Rio foi constituído por pessoas de diversas regiões, caracterizadas por diferentes posições socioeconômicas e grau cultural, tornado-se

velozmente povoado. Além de ser uma cidade nascida através da ampliação do meio de transporte que determinava modernidade.

Atualmente Pires do Rio possui uma população 26229 habitantes, dividida em 24474 localizados na área urbana e 1755 na área rural. Possui uma área de 1076 Km², representando apenas 0,32% do território goiano (IBGE,2000).

Localizada na Mesorregião do Sul Goiano, e microrregião de Pires do Rio, no cruzamento das rodovias GO-020 e GO-330, a uma distância de 142 Km de Goiânia e 237 Km de Brasília, é limitada ao norte pelos municípios de Orizona e Vianópolis; ao sul, por Caldas Novas e Ipameri; ao leste por Orizona e Urutaí; e ao oeste por Caldas Novas, Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Cristianópolis e Silvânia como pode ser observado no Mapa nº 01. (IBGE – Diagnóstico Municipal de Pires do Rio). O Município tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 17°18'05" de Latitude Sul em sua intersecção com o meridiano de 48°16'48" de Longitude Oeste.

A atividade econômica que mais se destaca atualmente em Pires do Rio, é o comércio logístico, centrado no espaço urbano da cidade. Para promover a ativação do fluxo de capital, estas atividades necessitam de instituições financeiras, dentre estas se têm às agências bancárias, as quais se instalaram em Pires do Rio em datas diferentes, e por motivos diversos, assim, convém conhecer a espacialização destas agências bancárias.

2.1 A espacialização dos sistemas bancários em Pires do Rio (GO)

A atual rapidez das relações socioeconômicas acrescidas de inovações tecnológicas agiliza as atividades, tornando-se a cada instante mais globalizado. Mas a próprio espaço globalizado não significa homogêneo, e sim interligação em suas estruturas comunicativas. As inovações geram essa interação espacial, que mesmo contraditória, modifica o espaço em sua dinâmica, como afirma DIAS (2003:142):

Todas as inovações, fundamentais na história do capitalismo mundial, se inscrevem e modificam os espaços nacionais, doravante sulcados por linhas e redes técnicas que permitem maior velocidade na circulação de bens, de pessoas e de informação.

As relações capitalistas impulsionam e são impulsionadas por esse desenvolvimento técnico, construindo relações sociais, econômicas e de produção mais ágeis e representativas no espaço. Constituindo-se como um sistema estimulado a criação da lucratividade e difusão do seu processo unindo áreas através da informação e comunicação.

A ligação dos sistemas econômicos pela tecnologia, em sua presente forma, configurada pela acelerada informação, tem estabelecido mediante redes de ligação capazes de conectar localidades distantes em centros desenvolvidos, a intensificação e ampliação do processo de acumulação capitalista.

Conseqüentemente a dinâmica social se estabelece nesta conexidade entre as redes de informação, diferenciadas tanto pela espacialização como na sua utilização, concentrando-se mais em alguns setores sociais do que em outros. Um dos maiores usuários destas redes de informação são os órgãos financeiros, dentre eles os bancos, ou seja *“para a sua expansão funcional os bancos se fizeram, dentre todos os setores das atividades da economia brasileira, os maiores usuários dos sistemas de telecomunicações e de informação”* CORDEIRO (1991:28).

Os sistemas bancários se organizam de forma a integrar os espaços, utilizando a informação como um elemento-chave para esta integração. Notadamente a formação de redes bancárias no espaço brasileiro é conseqüência do desenvolvimento de uma rede urbana que possibilite a ruptura das fronteiras, promovendo oportunidades para integração nacional, como afirma DIAS (2003:150):

A eliminação de barreiras de todas as ordens constitui a condição primordial para integrar o mercado interno, pois esta integração pressupunha a elevação do grau de complementaridade econômica entre as diferentes regiões brasileiras.

O banco como instituição financeira permitiu essa “união dinâmica” entre as regiões brasileiras, tornado-se propulsor de desenvolvimento para o espaço brasileiro, que através da ação do Estado motiva a complementaridade desenvolvimentista entre redes bancárias e espaço nacional, como afirma CORDEIRO (1991:23):

Para agilizar a atuação da função financeira do Estado desenvolveu, imediatamente após o término da segunda grande guerra, uma série de medidas que foram ampliando e fortalecendo sua liderança entre os setores da economia.

No pós-guerra a política nacional pressupõe a unidade espacial e a integração econômica entre suas regiões, dessa maneira as ampliações das redes bancárias vão ser incentivadas pelo Estado brasileiro.

As tecnologias são utilizadas pelos bancos como bases para sua espacialização, por facilitarem as comunicações e trocas de informações sendo o suporte de conexão entre os vários nós que configuram uma rede bancária. A espacialização das redes bancária

torna-se não apenas um nó de integração nacional, mas também global, podendo afirmar que “os bancos são doravante um elemento-chave de integração do território e de articulação deste mesmo território à economia internacional” DIAS (2003:150).

A articulação de espaços tão distantes não poderia ser estabelecida sem a utilização das atuais tecnologias de comunicação e informação, objetivadas a minimizar distâncias e tempo, tornando-se a difusão da rede bancária integrada a tecnologia, segundo CORDEIRO (1991:28):

Os sistemas de telecomunicações e de informação são fatores fundamentais da espacialização bancária. Crescem os bancos como empresas gigantes, que empregam centenas de milhares de pessoas, relacionadas por meio dessas novas técnicas, que permitem trocar dados, deslocando fundos através dos meios eletrônicos.

Em Pires do Rio, a espacialização das redes bancárias se constitui em datas e momentos diferenciados, constituindo em si um nó de ligação e desenvolvimento econômico para a cidade. Tem-se quatro agências bancárias localizadas no espaço urbano de Pires do Rio. Propõe-se assim descrever a espacialização das quatro agências bancárias inseridas no espaço piresino, sendo: o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o Bradesco SA e o Itaú.

2.2.1 A Caixa Econômica Federal

Sabe-se que os sistemas bancários em sua difusão sobre o espaço e pelo alargamento das relações sociais vão viabilizando a circulação de produção do capital. Por suas características administrativas do capital, o banco é uma das firmas com maior destaque na atualidade, sendo o sistema financeiro mais difundido sobre todo espaço geográfico, produzindo um espaço financeiro, entendido por CORRÊA (1997:163) como:

(...) conjunto de lugares no qual se verifica o processo de circulação de capital relativo aos depósitos, empréstimos, descontos, cobranças, juros, lucros e rendas, assim como salários, investimentos e serviços, que envolvem pelo menos uma unidade do setor financeiro, até mesmo uma única agência.

A Caixa Econômica Federal (CEF) é uma unidade deste setor financeiro que através de sua ação proporciona o fluxo de relações sociais e de capital. A agência foi instalada em Pires do Rio no dia 22 de outubro de 1982, passando por várias localizações,

entretanto todas localizadas no centro da área urbana, sendo sua atual localização na rua Coronel João Rincon nº 24 A.

Esta agência é estatal e de acordo com seu atual Gerente Geral senhor Edésio Junqueira de Moraes, os motivos que contribuíram para a instalação desta em Pires do Rio foram devido *“a economia do município, da região e a atuação social da Caixa que cumpre o papel de agente do governo levando as políticas sociais ao Brasil todo”* (14/09/04). Outro motivo constatado foi o apoio do poder local e da comunidade como um todo.

O atendimento fornecido por esta agência não se limita as fronteiras desta cidade, mas também as cidades de *“Orizona, Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Urutaí e todas aquelas que mesmo não sendo vinculadas a nossa agência procura nosso estabelecimento para realizar qualquer tipo de serviço”* (E. J. M. 14/09/04). Constitui-se assim, um atendimento superior a dez mil clientes, além de prestarem serviços aos trabalhadores, aposentados, empresários, ou seja, toda a comunidade usa-se dos serviços da Caixa Econômica Federal.

Uma das técnicas de informação (máquinas-informacionais) utilizadas para aperfeiçoar o atendimento fornecido pela Caixa Econômica Federal é o caixa eletrônico, instalado gradativamente, com início por volta de 1994. Especificamente em Pires do Rio não se constatou uma data precisa, podendo ser baseada por volta 2º semestre de 97, ou primeiro semestre de 1998. A Caixa Econômica Federal possui atualmente 7 caixas eletrônicos onde são realizadas todas as transações, como saque, depósito, pagamentos, etc

Destaca-se que há outros caixas eletrônicos situados nas duas agências lotéricas da cidade de Pires do Rio, na agência lotérica de Orizona e também nos correspondentes bancários instalados em Santa Cruz, Palmelo, Urutaí, proporcionando a intensificação quantitativa e espacial facilitada pela rapidez com que as informações e comunicações são capazes de atingir graças à tecnologia e informação, ajuntando-se uma ação de interligação entre as localidades próximas a Pires do Rio.

2.2.2- O Banco Itaú

O Estado de Goiás possuía uma rede bancária denominada de Banco Estadual de Goiás (BEG). Uma agência havia sido inaugurada em Pires do Rio no dia 18 de maio de 1990. Entretanto com a globalização econômica as formas de organização entre os espaços financeiros foram se modificando, produzindo alterações na organização e funcionamento deste banco.

Os sistemas financeiros que possuem uma dinâmica mais acentuada, vão absorvendo maiores porções do espaço, e mesmo outros sistemas, assim *“os bancos mais*

fortes diversificam suas atividades e, por associação e/ou encampações, passam a absorver os menores” CORDEIRO (1991:24). Esta característica foi constatada em 15 de abril de 2002, quando ocorreu a venda do Banco do Estado de Goiás, rede bancária estadual, para o Itaú, sistema financeiro particular. Mas convém destacar que este conservou todos os clientes e os serviços, aprimorando-se com os diversificados serviços que o Itaú oferece.

A espacialização das redes bancárias, sejam elas privadas, federais ou internacionais, está na disposição espacial o qual deve ser apto as exigências capitalistas de valorização e circulação do capital, de maneira a aprimorar investimentos lucrativos, assim de acordo com o atual Gerente de Agência, senhor Fernando Antônio Dutra, as motivações para a instalação do Banco do Estado de Goiás e posteriormente do Itaú são:

A vinda do BEG para Pires do Rio foi política e estratégica, em função do mercado oferecer oportunidades de negócios para o banco. A si tornar Itaú foi questão da praça ser promissora e ter capacidade de suportar mais um banco particular. (F. A. D. – 14/09/04)

A estratégia geopolítica de ampliação do lucro foi destacada como um dos motivos para a implantação do Banco do Estado de Goiás. E no caso do Itaú como rede bancária particular, o incentivo foi mais amplo, ou seja, além da cidade ser denominada apta a suportar dois bancos particulares, o Itaú teve outros incentivos fornecidos pelo Governo do Estado de Goiás, como o contrato pelo qual os funcionários públicos estaduais continuaram a receber seus salários nestas agências. A localização continua a mesma desde 1990, ou seja na rua Benedito Gonçalves de Araújo nº 127.

A rede de bancos do Itaú, mesmo tendo absorvido a rede bancária do Banco do Estado de Goiás, demonstrou em sua compra uma característica da espacialização das redes, ou seja, a seleção de espaços, uma vez que o banco não utilizou todas as antigas agências, mas situou-se em apenas algumas cidades.

A hierarquia do sistema bancário Itaú tem em Pires do Rio um ponto de ligação entre as cidades circunvizinhas, pois seu atendimento é fornecido também as cidades de Orizona, Palmelo, Santa Cruz, Urutaí, prestando serviços à aproximadamente dez mil pessoas entre usuários e clientes.

O Itaú, como um banco dinâmico frente às transformações tecnológicas, utiliza-se das contribuições destas para ativar a ligação entre as agências, possuindo em seu quadro de equipamentos atualmente três caixas eletrônicos, entretanto ressalta-se que a implantação destes estabeleceu-se desde quando era Banco do Estado de Goiás em 2000.

2.2.3- O Banco Bradesco SA

O incentivo do Estado mediante a dinâmica do capitalismo produz um estímulo às empresas se expandirem, promovendo a integração nacional e internacional e gerando desenvolvimento para o país. As empresas são na maioria particulares, englobando dentre elas os bancos. Esse estímulo favorece o capitalismo, que na era da globalização transpõe as fronteiras nacionais promovendo um mecanismo global econômico, como afirma GEIGER (2003:16):

Finalmente, com a globalização, sustentada pelos contínuos avanços tecnológicos, a organização econômico-político do mundo se move de “um sistema universal de Estados capitalistas” para um “sistema universal capitalista de Estados”.

Em Pires do Rio, nota-se essa interação local/nacional/internacional, por possuir uma rede bancária particular denominada a maior da América Latina, ou seja o Bradesco SA, implantado nesta cidade em 25 de fevereiro de 1986, a atual localização do Bradesco SA é na rua Manuel Cavalcante Nogueira nº40A Centro.

No período da implantação do Bradesco SA em Pires do Rio a cidade já possuía três outros bancos, e a decisão da abertura de uma nova agência, sendo ela particular, foi devido à disponibilidade econômica da cidade, demonstrando um acentuado crescimento como elo de ligação entre as cidades como comentou a Chefe de Serviços do Bradesco SA senhora Luciana Ferreira Gonçalves:

Na época que o Bradesco veio para cá, nesta cidade, nós já tínhamos na cidade três agências bancárias que era a Caixa, o Banco do Brasil e o Nacional. Então veio uma comissão fez um estudo na região, através da população, quantidade de habitantes a renda o valor em dinheiro na cidade, qual é a atividade que mais predomina, se é a agricultura, se é a pecuária, enfim faz todo um levantamento e isso chegou. E temos também na região as cidades vizinhas que são bastante concentradas aqui em questão de movimentação financeira, então foi aonde o Bradesco resolveu montar uma agência aqui.
(L. F.G. – 15/09/04)

Como foi comentado, um dos motivos que impulsionou a instalação desta agência em Pires do Rio traduz-se na cidade ser um elo de ligação entre outras cidades próximas, assim, os atendimentos bancários podem estender sua área de atuação nas

idades de Palmelo, Urutaí, Ipameri, Santa Cruz e Orizona, atendendo em média dez mil e seiscentos correntistas.

Conseqüentemente, a cidade foi favorecendo os interesses desta agência através da utilização de seus serviços que foram se aperfeiçoando no decorrer dos anos, por conseguinte favoreceu o desenvolvimento de Pires do Rio. Esse aperfeiçoamento deve-se a própria evolução da cidade e das tecnologias que são utilizadas pela agência no aprimoramento de seus serviços, pois ainda de acordo com a Chefe de Serviço, senhora Luciana Ferreira Gonçalves, sendo o Bradesco SA uma rede bancária particular *“trabalha sempre com recursos próprios por ser um banco particular, pelo contrário ele injeta dinheiro em obras assistenciais, em fundações, então ele ajuda”*. (L. F. G. – 15/09/04).

O aprimoramento tecnológico do Bradesco é evidenciado pela utilização dos caixas eletrônicos, sendo que estes foram adaptados a agência em 1994 e atualmente possui dois caixas eletrônicos. Compreende-se portanto o qual necessário se torna o avanço tecnológico para as redes bancárias, e conseqüentemente para as transformações nas relações sociais que as utilizam.

2.2.4- Banco do Brasil

O Banco do Brasil foi a primeira agência bancária a se instalar em Pires do Rio em 08 de outubro de 1979. Inaugurada primeiramente na rua Deodoro Veiga, e na década de 70 teve nova sede, sendo a mesma localidade atual, na rua Manuel Gonçalves de Araújo nº32. A instalação do Banco do Brasil deve-se a mobilização da sociedade, como comenta o Gerente de Agência desta agência, senhor Alfredo Antonio Martins:

Na época na década de 50 e 60 era a própria sociedade que se mobilizava para buscar o desenvolvimento, o crescimento da região, então pelo que eu ouvi de algumas pessoas tradicionais, o senhor Cloves por exemplo, isso ai foi uma luta árdua junto à comunidade local que buscou trazer a agência para a comunidade, então isso ai foi um empenho da própria sociedade para criar a agência aqui em Pires do Rio, que buscava na época o que estimular o crescimento, o fomento do desenvolvimento do município. Que a chegada do Banco do Brasil sempre foi um motivo de crescimento e desenvolvimento regional.

(A. A. M. –21 /09/04)

Esta agência é uma empresa de sociedade de economia mista, onde o maior acionista é o Governo Federal, ou seja pertence ao Tesouro Nacional. O desenvolvimento

implantado pelo Banco do Brasil não é apenas em Pires do Rio, pois sua área de atendimento vai além, tendo uma abrangência estabelecida nas cidades de Urutaí, Palmelo, Santa Cruz, tendo hoje cadastrados oito mil e quinhentos clientes.

No final da década de 80 foram instalados os caixas eletrônicos, e atualmente esta agência dispõe-se de 5 na própria agência, além de um na prefeitura, um no supermercado Boca de Lobo e um no Centro Federal de Educação Tecnológico (CFET) localizado na cidade de Urutaí.

Nota-se que em todas as agências bancárias de Pires do Rio, seja ela particular ou estatal, há caixas eletrônicos, além de algumas disporem deste em outras localidades, ou seja fora do ambiente bancário e mesmo da própria cidade, como forma de alargar seu atendimento.

Assim, percebe-se que o aumento das inovações tecnologias de informação forneceu uma rapidez na espacialização e comunicação além dos limites das agências, descentralizando seu atendimento a diversos pontos da cidade de Pires do Rio e as cidades circunvizinhas. Para uma melhor assimilação desses caixas eletrônicos, definidos como máquinas-informacionais, propõe-se analisar a sua funcionalidade.

2.3 Caixas eletrônicos espacialmente utilizados como máquinas-informacionais

Os processos técnicos possuem uma dinâmica que os torna parte do desenvolvimento social, sendo capazes de desencadear alterações sociais, tanto no que diz respeito às configurações espaciais como nas relações sociais, mediante a interação dos homens entre si e com as técnicas.

Necessariamente a dinâmica das técnicas proporciona uma gradativa adaptação e reformulação da sua utilidade social, principalmente econômica. Deste modo a inserção técnica torna-se evolutiva não podendo retroceder, conforme SANTOS (2002:181):

Da técnica em geral, costuma-se dizer que ela é irreversível, isto é, que uma vez uma inovação implantada é impossível viver sem ela(...). Neste sentido elas são irreversíveis, na medida em que, em um primeiro momento, são produto da história, e, em um segundo momento, elas são produtoras da história, já que diretamente participam desse processo.

A técnica por si só não determina um desenvolvimento e também não evoluiria sozinha, ou seja *“na verdade, porém, a técnica não pode ser vista como um dado absoluto, mas como técnicas já realizadas, isto é, tal como usada pelo homem”* SANTOS (2000:26).

No período atual da evolução técnica, denominada técnico-científico-informacional, a interatividade constitui-se uma base de evolução tecnológica, usada pela globalização como suporte para articulações que unem e fragmentam o espaço, através do fluxo contínuo de informações extrafronteira nacionais.

As máquinas-informacionais, impulsionando o fluxo de informação, necessitam das ações humanas com elas estabelecidas, determinando a inserção social neste mundo globalizado, de modo que *“a informatização introduziu novas formas de produzir e levou mesmo à proposição de modo de desenvolvimento; criou o suporte técnico para a globalização”* segundo GEIGER (2003:43).

A implantação de máquinas-ferramentas nas indústrias, iniciada com Revolução Industrial, não se limitam mais às indústrias. Ela foi ampliando sua área de abrangência na vida social, instalando além das fronteiras industriais, atingindo toda forma de relações sociais, configurando-se como máquinas-informacionais, como afirma LOJKINE (1999:70):

A revolução industrial, como o próprio termo indica, é caracterizada por uma revolução tecnológica num setor preciso da economia: a indústria. Quanto à revolução informacional, ela atinge todos os ramos da economia, de modo mais amplo, todos os ramos de atividades da sociedade, não se trata apenas do campo profissional.

Consumando-se como parte social que atualmente determina atitudes e interesses diversos em nome do desenvolvimento, a técnica se reformula em suas funções, reproduzindo uma dicotomia entre máquina-ferramenta para a substituição do homem; e máquina-informacional para interagir com o homem em suas ações numa nova revolução denominada por Lojkine (1999) como *“revolução informacional”*.

O conhecimento múltiplo para interagir com essas máquinas-informacionais por ter toda uma complexidade técnica, vai proporcionando uma dinâmica no próprio processo social do saber como forma de materializar uma ação humana com uma técnica. A interatividade se estabelece entre as várias técnicas, compreendendo-se em sistemas interligados com uma funcionalidade determinada objetivada através do seu uso, ou seja, da ação social que se torna fortalecida com as técnicas, conforme SANTOS (2002:182):

Os sistemas técnicos são, cada vez mais, exigentes de um controle coordenado. De uma multiplicidade de instalações e uma pluralidade de comandos encaminhamo-nos para um comando único, ou, ao menos, unificado. (...). Como os sistemas técnicos funcionam em uníssono com os sistemas de

ações. Isso pode ajudar a entender a importância do processo de informação.

A união das técnicas de informação não é um dado banal e/ou uma característica exógena de sua concepção, mas sim, maneira pela qual constitui sua forma de ligação e interação sócio-espacial. Mas esta própria interação não estabelece unicamente pela inserção técnica, mas através da ação realizada constatando-se a importância da interatividade homem/máquina.

As máquinas-informacionais possuem uma funcionalidade não apenas na sua forma, mas também em seu conteúdo, por ser dotada de algumas características humanas celebrais sendo capaz de fornecer dados precisos e racionais, antes destinados apenas nas relações entre homens.

Conseqüentemente há transferência de habilidades humanas celebrais para as técnicas, que interagem em seu funcionamento com o homem através de um diálogo racional e limitado, uma vez que seu conteúdo informacional é apenas programado por dados limitados a suas funções, não podem ser concretizados sem a ação e informação fornecida por este interventor humano, dessa maneira os papéis do homem se torna fundamental, conforme LOJKINE (1999:72):

Quanto mais as gerações informáticas se tornam complexas, mais o papel humano se torna crucial; é por isso que falo de máquinas-próteses, que são mais instrumentos a serviço da inteligência humana do que “máquinas” das quais o homem seria apenas um mero componente.

Estabelecer um papel importante ao interventor homem não significa necessariamente constituir uma homogeneidade em sua utilização, tanto quando se analisa a serviço de quem as técnicas se materializam, como aos que a utilizam, pois as intervenções do homem nas relações sociais capitalistas não são iguais, produzindo-se desigualdades nos conhecimentos para se utilizarem estas técnicas de informação, como afirma SANTOS (2002: 220-221):

Hoje, os objetos técnicos são originalmente criados para comunicar entre si e para responder a uma finalidade, desejada por quem os concebe e quem os implanta, ainda que desde logo sejam susceptíveis de outros tipos de utilização. Sua energia é a informação. (...). Isso é sobretudo válido para os objetos que participam dos sistemas hegemônicos, aqueles

que são criados para responder às necessidades de realização das ações hegemônicas dentro de uma sociedade.

Os poderes hegemônicos a serviço da globalização e ampliação do capital, são as instituições financeiras, dentre elas os bancos, que utilizam as técnicas de informação para agilizarem suas transações, facilitando a ampliação das redes bancárias, e mediante os sistemas técnicos fortalecem suas ligações e disseminações sobre os diversos espaços.

Assim, propõe-se compreender como máquina-informacional, uma técnica muito disseminada entre as agências bancárias, ou seja, os caixas eletrônicos para o auto-atendimento. Podendo ser denominadas como máquinas-informacionais por terem em seu conteúdo informações dos dados bancários, que para serem utilizados necessitam conseqüentemente das informações fornecidas pelos usuários.

Promovendo uma alteração nas relações bancárias, o auto-atendimento proporcionado pelo caixa eletrônico torna-se capaz de formular uma nova concepção de usuário deste espaço bancário, que deve possuir um maior conhecimento da linguagem técnica para estabelecer a interatividade com os caixas eletrônicos.

Aplica-se uma necessidade de pensamento técnico, interpretações de informações, que substitui o diálogo humano. Essa precisão proporciona uma alteração na relação social, dada à maneira precisa que necessitam para serem concretizadas a materialidade das funções bancárias, como sugere SANTOS (2002:186) *“a influência das técnicas sobre o comportamento humano afeta as maneiras de pensar, sugerindo uma economia de pensamento adaptado à lógica do instrumento”*.

Esse pensamento técnico de apenas decodificar imagens visuais, produz uma sociedade que valoriza as tecnologias, entretanto não as conhece, não compreendendo seu impacto contraditório, induzindo ao mesmo tempo facilidades nas transações bancárias, mas também desigualdade em sua utilização, por não serem todos os usuários que tem habilidades para decodificar essa linguagem técnica.

Os caixas eletrônicos, como técnicas atuais, possuem uma linguagem própria, ou seja *“os objetos novos, que transportam o sistema das técnicas atuais exigem um discurso”* SANTOS (2002:226), que não é homogênea, pois em cada agência bancária as informações solicitadas pelos caixas eletrônicos se diferenciam, causando transtornos aos que não sabem utilizá-los, principalmente aos que freqüentam mais de uma agência.

Conseqüentemente produzem uma dependência, ou seja, há pessoas que são limitadas nas relações homem/técnica, pois são outras pessoas que concretizam esta relação. Entretanto a evolução e complexidade das técnicas não cessam, podendo

umentar o contingente de indivíduos não portadores de uma sabedoria decodificadora das imagens visuais e informacionais, transportados pelos caixas eletrônicos.

A preocupação com este contingente de pessoas, é camuflado por uma ideologia de bem estar homogêneo e desenvolvimento que as técnicas de informação trazem para a sociedade. A divina técnica passa a delimitar o que é importante ser colocado em ênfase, descartando toda a contrariedade e ambigüidade que ela pode estar causando, ou seja, toda marginalização de pessoas que não se adequaram a sua evolução.

O espaço bancário, como ambiente de transações econômicas tornam-se exemplo desta seletividade social, aprofundada com a implantação de salas de auto-atendimento que nem sempre materializam sua utilidade. Assim, tornam-se espaços fomentadores de segregação espacial dos usuários que não sabem utilizar os caixas eletrônicos, impulsionando uma exclusão sócio-espacial. Assim, a pesquisa buscará levantar questões que fundamente esta segregação espacial e a exclusão sócio-espacial em Pires do Rio (GO), causada pelos caixas eletrônicos, consideradas como “máquinas-informacionais”, das quatro agências bancárias desta cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa etapa técnico-científico-informacional, nota-se que os sistemas técnicos adquiriram um enriquecimento, que passou a determinar os demais agentes sociais, impondo sua lógica para subdivisão do tempo, trabalho, espaço e sociedade, através de um pensamento tecnificado.

Estando este trabalho em andamento, pode-se apenas concluir, empiricamente, que inúmeros indivíduos não conseguem utilizar os caixas eletrônicos das agências bancárias de Pires do Rio (GO), por diversos motivos que se propõe averiguar. Asseverando a preocupação com a grande proporção de indivíduos que vêm se tornando excluídos pelas máquinas-informacionais, em qualquer escala de observação, pois as técnicas encontram-se inseridas direta ou indiretamente, em todo o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Júlia Adão. *Técnica, trabalho e espaço: as incisivas mudanças em no processo produtivo*. In: CASTRO, Iná Elias (org.). *Redescobrimdo o Brasil: 500 anos depois*. 2ed. Rio Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000.

CORDEIRO, Helena Kohn. *A circulação da informação no espaço brasileiro e o sistema bancário*. Revista de Geografia Brasileira de Geografia, 16(1):23-36, Rio Claro. Abril 1991

CORRÊIA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da geografia*. In: CASTRO, Iná Elias de. (org.). *Geografia Conceitos e Temas*. São Paulo: Bertrand, 2003.

_____. *Dinâmica do espaço financeiro brasileiro*. In: SCARLATO, Francisco Capuciano. (org.). *O novo mapa do mundo: Globalização e Espaço Latino Americano*. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1997

- DIAS, Leila Christina. *Redes: emergência e organização*. In: CASTRO, Iná Elias de. (org.). *Geografia Conceitos e Temas*. São Paulo: Bertrand, 2003.
- DOLLFUS, Oliver. *O Espaço Geográfico*. 4ed. São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial S.A., 1982.
- DUPAS, Gilberto. *Ética e Poder na Sociedade da Informação*. 2ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- GEIGER, Pedro. *As formas do espaço brasileiro*. Rio de Janeiro: Jore Zahar Editora, 2003
- GUIMARÃES, Ana A. (org.). *A propósito do debate sobre exclusão social: aportes teóricos, escala local e indicadores sociais*. In: *XIII Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa, 2002.
- GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- LOJKINE, Jean. *Os desafios da revolução informacional no limiar do terceiro milênio*. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de (org.). *Globalização, regionalização e nacionalidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MARTINS, Sérgio. *Crítica a econômica do espaço*. In: DAMIANI, Amélia Luisa. *O espaço no fim do século: a nova raridade*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *As exclusões da globalização: Pobres e negros*. In: FERREIRA, Antônio Mário (org.). *na própria pele: Os negros no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2000.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SILVA, Catia Antonia da. *Espaço, técnica e saber: labirintos da qualificação*. In: CASTRO, Iná Elias (org.). *Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois*. 2ed. Rio Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000.
- SILVA, José Borzacchiello da. *Espaço e contradição*. In: DAMIANI, Amélia Luisa. *O espaço no fim do século: a nova raridade*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. 3ed. São Paulo: Contexto, 1999.